

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES**



CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA

KELLEN ALVES EVANGELISTA FERREIRA

**O HUMOR COMO MEIO PARA A LIBERTAÇÃO FEMININA:
RELATOS DE UMA MULHER NO HUMOR**

Pelotas

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES**



CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA

KELLEN ALVES EVANGELISTA FERREIRA

**O HUMOR COMO MEIO PARA A LIBERTAÇÃO FEMININA:
RELATOS DE UMA MULHER NO HUMOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias

Pelotas

2018

KELLEN ALVES EVANGELISTA FERREIRA

**O HUMOR COMO UM MEIO PARA A LIBERTAÇÃO FEMININA:
RELATOS DE UMA MULHER NO HUMOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Pelotas, 07 de Dezembro de 2018

Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias (Orientador)
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Marina Oliveira (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Nara Salles (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho às maravilhosas trabalhadoras incansáveis Edineide Alves Evangelista e Maria Alves Evangelista, minha mãe e minha avó respectivamente, por serem a melhor família do mundo, por terem acreditado na minha capacidade e por serem a única razão de eu conseguir me formar.

Dedico também às mulheres que estão tentando ocupar espaços onde não se sentem acolhidas, principalmente as 'doidas'.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e à minha avó por me ajudarem financeiramente e emocionalmente por cinco anos que fiquei na graduação, mesmo sem terem condições, só por acreditarem em mim. Por me ensinarem a não abaixar a cabeça para ninguém, inclusive homens.

Ao meu orientador e amigo Gustavo Angelo Dias, que diferentemente de mim, sempre acreditou que eu fosse capaz de terminar este trabalho, lhe agradeço por toda a força que me deu e por acreditar tanto na docência, independente do caso.

A todas as mulheres maravilhosas e empoderadas que conheci na estadia em Pelotas pelas ruas ou em meio ao silenciamento acadêmico.

À Analu Favretto e Andy Marques, por estarem sempre incansavelmente me ensinando coisas e sendo mulheres excepcionais, cada uma da sua forma, obrigada por me inspirarem e não me deixarem desistir.

Aos meus amigos-irmãos Felipe Cremonini e Marco Antônio Duarte que além de serem excepcionais acadêmicos estiveram sempre ao meu lado.

Às mulheres engraçadas como Analu, Beth, Lizi, Pati, que conheci, e as que não conheci como Dani Calabresa e Tatá Werneck, é sempre bom ter em quem se espelhar.

À Inácia Amaral e David Cruz por me acolherem em sua casa assim que cheguei na cidade de Pelotas e não conhecia ninguém. Foi importante para a minha permanência.

A todos os meus amigos e todas as minhas amigas que confiaram e acreditaram na minha capacidade.

Obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como intuito principal discorrer sobre as mulheres na sociedade, e mais especificamente na comédia. A partir de auto relatos e de uso de fontes ligadas ou não ao teatro e à comédia, busco refletir sobre o espaço que a mulher ocupa no humor – sendo ela a comediante ou não – e criticar este e outros espaços que são marcados pelo menosprezo e violência simbólica para com mulheres e outras minorias políticas. São mencionadas várias mulheres, sejam pesquisadoras, humoristas ou filósofas, para que possamos pensar sobre as mulheres a partir das experiências e reflexões das mesmas. Neste trabalho não tenho a intenção de oferecer respostas, mas sim de propor uma reflexão sobre a possibilidade da emancipação da mulher através do humor, por ser este um meio rico em possibilidades de se colocar criticamente no mundo.

Palavras-chave: mulheres; comédia; emancipação feminina; machismo.

ABSTRACT

The main purpose of this work is to discuss women in society, and more specifically in comedy. From self-reports and the use of sources connected or not to drama or comedy, I seek to reflect on the space occupied by woman in humor - being the comedian or not - and criticize this and other spaces that are marked by disregard and symbolic violence towards women and other political minorities. Several women are mentioned, being they researchers, comedians or philosophers, so that we can think about women from their experiences and reflections. In this work I do not intend to offer answers, but rather to propose a reflection on the possibility of the emancipation of women through humor, since this is a field abound with possibilities to critically place ourselves in the world.

Keywords : women; comedy; female emancipation; machism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. "O QUE ELA TÁ FAZENDO AQUI?".....	11
2. "ELA É MUITO BONITA, NÃO DEVE SER ENGRAÇADA".....	17
3. "NOSSA, ELA É MUITO DOIDA!".....	23
4. "IH, AGORA É UMA MULHER".....	28
5. "AH, MAS ERA SÓ UMA PIADA".....	32
6. CARTA PARA MULHERES ENGRAÇADAS.....	36

INTRODUÇÃO

Iniciei minha graduação em Teatro - Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas no primeiro semestre do ano de 2014, desde a época até o momento em que escrevo este trabalho, tenho tido muitas dificuldades com relação à graduação e uma delas é o fato de que a comédia dentro da universidade não encontra muito espaço de prática e pesquisa. Me dediquei então à tentativa de escrever sobre a comédia no contexto da pesquisa acadêmica, na intenção de trazer questões que acredito serem pouco estudadas e talvez até encorajar quem se interesse por essa mesma questão. Minha principal indignação é a posição em que as mulheres são colocadas em toda a sociedade, inclusive na área do humor. Para a feitura do presente trabalho, ambas as indignações se tornaram uma só, portanto discorro aqui sobre a posição que as mulheres têm no mundo e sobre como o humor pode ser uma forma de libertação para as mulheres que o fazem.

Contudo o faço para que mulheres que permeiam a área do humor, ou mesmo as que são engraçadas em sua vida cotidiana, se identifiquem e pratiquem, por conseguinte, um humor mais consciente dentro de suas próprias limitações.

No início da minha pesquisa, enquanto procurava por materiais que falassem sobre as mulheres na comédia (tema inicial), quase não encontrei material relacionado a este tema em específico, o que me levou a considerar relevante tratar desse assunto tido como polêmico na sociedade patriarcal em que vivemos. O tema deste trabalho, o humor, representa um campo ainda ocupado predominantemente pelos homens. Portanto essa ocupação ainda está acontecendo, as mulheres comediantes ainda são poucas e ainda sofrem preconceito não só dos companheiros de trabalho, mas também do público, o que tende a descredibilizar qualquer trabalho vindo de uma mulher, por exemplo no *stand up*¹.

¹ O termo comédia stand-up é utilizado para designar um espetáculo humorístico feito por um comediante só e de cara limpa e sem a quarta parede, diferenciando-se assim do já tradicional 'monólogo'.

O tema surgiu de uma conversa que tive com uma amiga sobre desistir da vida acadêmica. Esta amiga me encorajou não apenas a concluir o curso de Teatro, mas também a colocar minha cara em meu último trabalho, trazendo um tema que me contemplasse. O tema das mulheres na comédia foi escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso pois me encontro fora de alguns padrões sociais dedicados às mulheres, sendo um deles o fato de estar inserida no meio do humor, seja no palco ou na vida.

As ideias estão divididas em seis capítulos modulados de forma não tão corriqueira quanto a de costume neste tipo de trabalho. Cada ideia foi norteadada por uma expressão recorrente para mulheres dentro do campo humorístico. Expressões estas que configuram pequenas violências diárias e que ocorrem quase sempre de forma velada como um meio de descredibilizá-las. Procurei incluir reflexões de mulheres (humoristas, pesquisadoras, filósofas) entendendo a importância de representarmos a nós mesmas, já que não faltam homens falando sobre nós e dizendo como devemos ser e nos portar.

O último capítulo é uma carta de apoio e encorajamento às mulheres engraçadas, dirijo-me diretamente a elas pois na realidade acredito que o que nos falta é a união. Quero que as mulheres que leiam meu trabalho se sintam livres a ponto de entenderem que podemos ser quem queremos. E seremos. Se não nós, as que virão depois de nós, serão.

1. "O QUE ELA TÁ FAZENDO AQUI?"

Para falar das mulheres na comédia, é importante citar o espaço ao qual sempre fomos relacionadas, o da casa. As mulheres até hoje estão em número muito menor do que os homens no mercado de trabalho, nas posições de poder, em âmbitos da representatividade social, nas instâncias significativas do discurso legitimado – estudiosas, pesquisadoras, juristas, cargos públicos relevantes, executivas. Mesmo quando as mulheres ocupam espaço no mercado de trabalho, muitas das posições são negadas a elas. Há profissões ‘femininas’ e profissões ‘masculinas’. O humor não é exatamente considerado uma profissão feminina em nossa sociedade. Neste texto, procuro refletir sobre o motivo de as mulheres serem minoria também neste campo. Para isso, convido o leitor ou a leitora do presente texto a pensar na construção social para com o ser nascido mulher. Podemos pensar desde a mais tenra infância quando a menina ganha brinquedos relacionados a maternidade, trabalhos domésticos, ‘embelezamento’. Os estímulos dados a elas não são relacionados a se impor, se proteger, dar valor a sua própria capacidade intelectual, tampouco a questionar este modelo de criação – salvas as exceções que questionam por conta própria. Nós, mulheres, não escolhemos como seria a sociedade na qual viveríamos, entretanto, muitas são induzidas culturalmente a entender os locais que ocupamos comumente, como escolhas livres que tivemos, como se escolhêssemos ocupar os cargos não-intelectuais, não-cômicos e não-poderosos aos quais nos indicam. Venho, portanto, defender que, por mais que não tenhamos tal liberdade de escolha facilmente, podemos e devemos ocupar os espaços dominados pelo ser masculino. Parto deste ponto para propor uma reflexão, com intenção de entender o processo de inserção das mulheres na área do humor no Brasil.

No livro *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social* (2012), Mirla Cisne analisa o lugar da mulher no mercado de trabalho a partir de uma lógica social no contexto capitalista. A autora analisa que as profissões consideradas adequadas ao sexo feminino não estão diretamente ligadas às características das mulheres propriamente:

O acesso das mulheres às profissões adequadas ao sexo feminino, todavia, não se desenvolve naturalmente. Uma prova de que a divisão do trabalho não resulta da existência de uma essência feminina ou masculina, é saber que uma atividade especificamente masculina em uma sociedade pode ser especificamente feminina em outra (CISNE, 2012, p. 109).

O que define, portanto, se a mulher tem ou não acesso a um determinado espaço de trabalho não são evidentemente suas aptidões, desejos ou capacidades para desempenhar um trabalho, mas sim determinantes externos da sociedade. Cisne explica que

É essa ideologia – patriarcal – que leva muitas mulheres a procurarem profissões consideradas do sexo feminino. Elas se sentem mais capazes e são levadas a crer que são mais aptas a determinadas carreiras, geralmente, as que são extensivas às atividades domésticas, vinculadas ao universo da reprodução social.

[...]

Uma profissão tida como feminina ou masculina, nada mais é do que resultado da divisão sexual do trabalho que, por sua vez, além de fomentar desigualdades entre homens e mulheres, atende aos interesses dominantes em uma sociedade patriarcal capitalista, especialmente, por meio da superexploração dos trabalhos ditos de mulheres (CISNE, p. 134).

A partir da afirmação da autora e pensando no recorte do mercado do humor no Brasil, este não sendo parte da divisão direcionada às mulheres, é possível constatar que elas ocupam esse espaço em quantidade inferior a quantidade de homens. Pensando no formato humorístico de sucesso no país, posso citar a mídia televisiva como principal divulgadora de artistas dessa área durante anos. Impossível afirmar que não existam mulheres relacionadas a essa mídia, mas a maioria ocupa esse cenário reproduzindo estereótipos femininos de várias classes sociais, disseminando e reafirmando no imaginário popular, características que não são regras, de forma alguma, no ser mulher. Outro ponto é que, em muitos casos, são homens representando essas facetas ditas femininas, assim como a ‘loira burra’, a ‘pobre barraqueira’, a ‘gorda/feia que aceita qualquer homem’, a ‘jovem burra do interior’, a mulher que ‘só é mãe’, etc. Acredito ser este um fator tão relevante quanto essencial na reflexão acerca da falta de mulheres nesse campo.

O humor é excludente. Enquanto homens têm livre escolha de se encaixar em alguma das categorias humorísticas existentes, as mulheres já são direcionadas a tipos de comédia e/ou personagens específicos (como alguns citados acima). Esse fato é evidenciado pela mídia, não é velado, não é necessário citar fontes, é só ligar a televisão. Obviamente, hoje (2018), mais mulheres são vistas fazendo papéis humorísticos do que outrora, mesmo que poucas tenham espaço para realmente ser quem são, mostrar seu trabalho e não caírem nos estereótipos de sempre. Hoje algumas das barreiras foram quebradas, isso é devido a luta por direitos das mulheres, tanto quanto a grandes nomes aparecendo desde o último século até atualmente, fazendo com que as mulheres fossem ouvidas, vistas e que encontrassem um norte, alguém em quem se espelhar, mesmo sem um discurso libertador, apenas sendo.

E uma das primeiras figuras femininas de destaque que apareceram no Brasil tentando mudar isso dentro do âmbito teatral e fazendo essas quebras acontecerem foi Dolores Gonçalves Costa, a conhecida e aclamada Dercy Gonçalves (1907-2008). Essa mulher teve que ir pelo caminho mais difícil, rumou a sua trajetória num ser irreverente, desconstruindo a forma meiga, “bonita”, que chama atenção pela beleza física, que não xinga, não é engraçada, reconhecida pela sociedade como a-forma-correta-de-um-ser-feminino.

Como eram as mulheres comediantes antes de Dercy Gonçalves? Ela mesma responde a esta pergunta na entrevista que deu ao programa *Roda Viva* em 1995 aos 88 anos. Dercy diz que as mulheres que queriam ser artistas eram chamadas de “putas”, mesmo que em maioria essas mulheres não se comportassem de forma tão irreverente e espalhafatosa. Não era necessário ter estas características para serem consideradas infames, pois, como afirmou Dercy, era necessário que mulheres usassem carteirinhas de prostituta (literalmente) para que pudessem trabalhar como atrizes, seja em apresentações, reuniões ou ensaios, em meio a Ditadura Militar no Brasil iniciada em 1964, como explica Luciano Luppi em seu artigo chamado *Ator e a carteirinha de prostituta*

Além de enquadrar e intimidar os artistas com a mais estúpida censura que se estabeleceu, os militares ainda nos obrigavam a fazer um registro de nossas identidades junto à Polícia Federal. Éramos um caso de polícia, não havia dúvida! Todos os artistas de teatro eram obrigados a comparecer à sede da Polícia Federal do seu estado para fazer uma carteirinha, um registro com seus dados e sua função, no mesmo local onde as prostitutas também eram obrigadas a se inscrever

[...]

E pelo fato de ser a mesma carteirinha que as prostitutas também tinham que fazer, dizíamos, uns aos outros: “Você já tirou a sua carteirinha de prostituta?” (LUPPI, 2015)

“Qualquer uma era puta. A gente era puta [...]. Eu não queria ser puta, puta, eu queria ser puta de Teatro!” (Roda Viva, 1995) Dercy afirma na entrevista.

Apesar de ter sido uma figura revolucionária no humor brasileiro, Dercy relata que sua intenção não era fazer grandes revoluções, ela apenas queria fazer o seu trabalho com o que tinha de melhor para dar, procurava ganhar seu sustento e ser feliz à sua maneira e, talvez por isso, tenha sido uma figura tão marcante e relevante para a emancipação feminina no teatro e na televisão.

Esta postura e falas dela me fazem pensar nos motivos que a fizeram se tornar um ícone da comédia no Brasil, compreendo então que simplesmente a presença dela nesse espaço já foi a revolução, estar presente e não maquiagem ou podar quem era por conta de convenções sociais femininas. Dercy foi o que ninguém esperava que uma mulher fosse na época, exalava irreverência e falava o que lhe vinha a cabeça. Isso fez com que ela fosse convidada a estar em espaços diversos, ininterruptamente, só sendo quem era.

Dercy cita nessa mesma entrevista que seus “palavrões” e sua falta de vergonha – vista quase sempre só em homens até então – não foram aceitos de primeira. O público achava engraçados os homens que faziam coisas como abrir a perna, arrotar e falar palavrões, mas não gostaram quando viram uma mulher fazendo o mesmo. Dercy conta que ouviu ameaças, chacotas, pessoas dizendo que ela não era mulher de verdade, que deveria morrer, tomar vergonha... Ela quebrou muitas dessas barreiras e reinventou o teatro nacional com seu jeito e sua comédia, mostrou para todos o que veio fazer como artista e viveu tempo o bastante para contar e perpetuar sua história. Foi e sempre será uma grande inspiração para comediantes brasileiras por ter tido a coragem de fazer o que fez.

Usar o termo 'tomar vergonha', compreendo ser uma tentativa de impedir que ela seguisse quebrando essa barreira de feminilidade, sendo esse um jeito de a manter dentro dos padrões criados socialmente. Afirmando isso, Pierre Bourdieu fala no livro *A Dominação Masculina* (2018), "Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas." (p. 96), partindo dessa afirmação, interpreto que quem a mandava 'tomar vergonha', entendia que aquele não era um lugar para ela, para uma mulher, e que quem pode estar ali e não precisa 'tomar vergonha' é o sujeito que não tem todas essas barreiras sociais inculcadas, isto é, os homens. E impedir que uma mulher fale e, assim seja ouvida, é uma violência tremenda que a transforma em um ser solitário e sem resistência, pois segundo Rebecca Solnit no livro *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre novos feminismos* (2017a)

Às vezes a fala, as palavras, a voz mudam as próprias coisas, quando trazem a inclusão, o reconhecimento, a reumanização que anula a desumanização. Às vezes são apenas as condições prévias para mudar regras, leis, regimes e trazer justiça e liberdade. Às vezes, a mera possibilidade de falar, de ser ouvida e ser acreditada é parte essencial do pertencimento a uma família, uma comunidade, uma sociedade (p. 30).

Ocupar espaços ditos masculinos, causa desconforto em quem se privilegia destes, não é diferente no humor. A quantidade de mulheres fazendo humor ser inferior, é causada também pela distância do público que seria atingido, transformando a nossa comunicação em silêncio, nos separando cada vez mais. O silenciamento de minorias políticas², sempre foi um meio de privar a identificação entre os mesmos, pois como afirma Solnit, "As palavras nos unem e o silêncio nos separa, priva-nos da ajuda, da solidariedade ou da simples comunhão que a fala pode solicitar ou provocar" (2017a, p. 28). Se ter voz nos ajuda com a identificação e dá margem a solidarização do outro, a não-inclusão feminina nesses espaços é silenciadora. Contudo não estar

² Márcia Tiburi acha "importante sublinhar que o termo "minorias" em seu uso isolado perde sua conotação fundamental. Por isso, não apenas por dever didático, devemos sempre falar em "minorias políticas" como representação verbal e escrita de classes oprimidas devido a que estas "alcançaram um lugar no cenário político por meio da afirmação da identidade" (mulheres, negros, LGBTs).

quando não querem que estejamos, não creio ser possível, e para estarmos, precisamos do feminismo nos impulsionando, entendendo e dando forças, porque ele nos conecta.

Uma mulher que procura se empregar de um serviço já lido como feminino, está tentando se adequar buscando ser aquilo que esperam que ela seja. É difícil se colocar contra todo um sistema regente na sociedade. Embora se saiba que essas não são as pessoas que mudam a sociedade, eu particularmente não julgo quem tenta se encaixar.

Sempre que uma mulher causar o tipo de questionamento que nomeia este capítulo, “O que ela tá fazendo aqui?”, os mecanismos de defesa do patriarcado vão agir na tentativa de silenciá-la. Um dos mecanismos de defesa desse modelo de sociedade é a violência (física, psicológica e verbal), esse meio de silenciamento é o mais utilizado contra as minorias políticas e como ressalta Solnit “A violência é uma maneira de silenciar as pessoas, de negar-lhes a voz e a credibilidade, de afirmar que o direito de alguém de controlar vale mais do que o direito delas de existir, de viver” (SOLNIT, 2017b, p. 17). Portanto a exclusão é uma forma de violência silenciadora que podemos ultrapassar ocupando os espaços nos quais nos dizem que não devemos estar.

2. “ELA É MUITO BONITA, NÃO DEVE SER ENGRAÇADA”

Se a mulher é bonita, ela não é engraçada. Ouço esta fala desde muito cedo. Parece incompatível que uma mulher seja ao mesmo tempo bonita e engraçada. Há um estudo de caso que a revista Piauí fez, chamado *Gargalhada, teu nome é mulher* (2011), sobre a comediante Daniella Maria Giusti, mais conhecida por seu nome artístico Dani Calabresa – que possui um tipo de beleza que pode ser considerado padrão. O autor da matéria selecionou o trecho inicial de um de seus textos humorísticos no qual ela fala acerca da credibilidade da mulher no *stand up*, segue o trecho:

Oi, gente, boa-noite. Sei que quando vem uma mulher se apresentar todo mundo pensa: ‘Ah, vai ser sem graça, desgraçada.’ Quando a mulher sobe no palco, fica todo mundo com aquela cara de que foi no puteiro para ver striptease e o garçom tira a roupa. Mulher comediante tem a mesma credibilidade que homem manicure. Imagina que desespero vindo um marmanjo na sua direção com um alicate, dizendo ‘Opa, desculpa querida, eu ranquei uma pelezinha, né?’ (TERRA, 2011).

Neste texto Dani expressa com bom humor como as mulheres comediantes são vistas entre comediantes homens e o público, em outra parte dessa entrevista ela ainda fala sobre a incompatibilidade entre o que é ser mulher (tradicional) e o que é ser engraçada dizendo que

Homem tem tradição para falar merda, contar que foi no puteiro e tal. Já viu mulher contar piada suja na mesa? Não. É o pai, é o tio bêbado, é o irmão. Menina não pode se comportar assim. Tem que ser bonita, educada, delicada. Isso é uma besteira (idem).

Então por que existiria esta incompatibilidade? Será que a beleza por si só anula a possibilidade da existência do humor, como se fossem água e óleo na personalidade humana? Ou ser engraçada apenas não vai ao encontro de que a sociedade considera feminino? O feminino é considerado pela filósofa Márcia Tiburi, no livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2018), um meio de ascensão do masculino. A autora diz que a sociedade patriarcal é “um

sistema de autoelogio que precisa desabonar o outro para sobreviver. Daí a invenção do feminino” (p. 51). A partir dessa afirmação, considero que há possibilidades de uma libertação de alguns mecanismos desse sistema se pudermos ir na contramão dele, desconstruindo esses valores morais que nos indicam a dependência dos seres masculinos e da sociedade patriarcal.

Para atingir o quesito ‘bela’, a mulher tem de encaixar-se em um dos padrões femininos mais valorizados (deixando claro que ser ‘feminina’ é necessário para se encaixar nesse padrão). Essa mulher logo é categorizada como ‘sem graça’, pois ser engraçada, partindo de uma visão hegemônica, envolve muitas vezes colocar-se contra a figura tradicional de feminino. Se uma mulher se propõe a sair dessa caixa, ela é lida como alguém que se distancia dos padrões de ‘bela-recatada-do-lar’ que “se tornou piada popular num contexto em que as mulheres, de um modo geral, se sentem mais livres do que o patriarcado gostaria que elas fossem.” (TIBURI, p. 108). Este conceito popular foi reproduzido a partir de uma matéria publicada na revista *Veja* nominada *Marcela Temer: Bela, recatada e “do lar”*, que no geral fala sobre a sorte que Marcela Temer tem de ser casada com o até então presidente interino e atual presidente do Brasil, Michel Temer, e como ela representa bem os preceitos básicos para ser uma mulher de valor: a beleza, o recato e o fato de exercer bem o papel de mãe e esposa, sendo tomada como exemplo em excelência do ser feminino. A matéria exalta o fato de que Marcela trouxe de volta a figura da primeira dama. O que seria uma mulher que está ‘por trás’ de um homem importante, portanto secundária.

Encaixar-se no quesito beleza, ou seja, ter um tipo de beleza considerado como padrão, faz com que uma mulher seja vista como um ser habitado por essa única característica numa visão majoritária da sociedade em que vivemos. Com isso, ela já recebe um rótulo, uma etiqueta, um crachá que a faz ter apenas mais duas características necessárias para adequar-se (o recato e o ser ‘do lar’), sendo assim, ela optar por não ser inserida por completo no ‘ser feminino’ é uma afronta a esse sistema violento. A mulher ser sempre relacionada ao lar, deixa claro a visão social, a posição que querem que tenhamos e que a tentativa de explorar o mundo é um erro. Em *A Dominação Masculina* (2018), Pierre Bourdieu aponta que “na publicidade ou nos desenhos humorísticos, as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço

doméstico” (p.84), sendo esse um espaço feminino, dissociado ao do homem que, em sua maioria, são “representados em espaços exóticos” (p. 85). Ou seja, qualquer outro lugar, fora o espaço doméstico, é um lugar masculino segundo a sociedade.

E por que o espaço doméstico? Simples. Ali estamos o tempo inteiro sendo podadas e vigiadas se colocadas num molde tradicional familiar. É uma jaula. Nos ensinam que temos de ficar ali e que devemos ser ‘boas meninas’, ter modos, etiqueta, falar baixo, agradecer, se doar para que o estilo de mundo siga desse jeito. A respeito desse tema, Tiburi explicita que “Essa verdade patriarcal é poder de morte, violência simbólica e física contra as mulheres que, caso se contentem em ser bem femininas e bem dóceis, podem até se salvar do espancamento e da morte” (TIBURI, p. 51). Quebrar a caixa do ‘recato’ é mais que ter a possibilidade de fazer o que se quer no momento, é também ser quem se é, formar sua personalidade a partir da sua própria vontade, é poder sim ser engraçada. Quebrar a caixa ‘do lar’, é poder se comunicar com iguais para que alguém entenda como você se sente, poder ter uma identificação na fala de alguém e vice e versa, e o humor é uma ferramenta válida para articular essas quebras.

Pensando em mulheres que já estão fazendo humor ou que já são inclusas mesmo sem estar de acordo, então qual espaço cabe às mulheres na comédia? Neste espaço elas podem até ser bem-vindas, porém muito mais frequentemente como alvo de piadas estereotipadas, que reforçam a degradação do corpo/beleza fora do padrão eurocêntrico, e não como seres que têm conteúdos e a famigerada graça. Pensando a partir de um olhar androcêntrico, as mulheres não são cômicas a não ser que façam o tipo de comédia em que se degradam, debochem dos ‘defeitos’ das pessoas, ofendam minorias políticas, e sobretudo quando aceitam ser retratadas de maneira pejorativa, inferiorizada, hipersexualizada, infantilizada, burra, feia, ou seja, recaindo sempre no reforço a estereótipos existentes sobre a mulher.

Se uma mulher contesta qualquer piada neste sentido, questionando o autor e/ou o performer da piada em questão, muitas das vezes é categorizada por estes apenas como alguém que não tem senso de humor, por meio de esclarecimentos como o clássico ‘você não entendeu, deixa eu te explicar’, sendo esta uma das formas de violência patriarcais comumente conhecida

como *'maninterrupting'*³, julgando que a mulher em questão não foi capaz, ou melhor, que não possui capacidade de compreender o que o gênio disse. Em outros casos a categorização é política, sendo ela ligada diretamente à esquerda, ao feminismo e quase sempre descrita como *'politicamente correta demais'*.

Quanto às mulheres que já são lidas como feias, masculinizadas, gordas, etc, ou seja, que estão fora de padrões de beleza impostos pela sociedade descrita, percebo uma tendência a maior aceitação pelos que compõem a área do humor e posso citar um motivo que a meu ver é evidente: majoritariamente, se uma mulher que não possui os atributos necessários para se encaixar nos padrões instituídos (se ela é negra, gorda e/ou nasceu em um corpo biologicamente masculino, por exemplo), desde o nascimento carrega esse rótulo que é levado para o humor num teor de piada, o que as leva a ter certo espaço, mas apenas se ela também achar engraçada a degradação do próprio corpo, dando aval assim para que riam e sigam reforçando negativamente essas características as quais ela não teve escolha em ter e que, em alguns casos, acaba causando a si mesma um peso – sendo este desconforto parte da injusta tremenda que a sociedade provoca, o que me faz entender que apenas mudanças radicais neste modelo parcial seriam efetivamente eficazes para a libertação feminina. Porém o “tragicômico” também é um meio válido, uma mulher depreciar a si mesma através do humor – como sua postura (falta de modos/etiqueta), na sua fala, nas suas vestimentas, na *'deformação'* do próprio corpo, como forma de fazer humor a partir da ridicularização própria ou de outrem (sem ferir classes oprimidas, de preferência) – é uma faca de dois gumes. Você tanto pode usar isso para reforçar um estereótipo, como para questionar um estereótipo.

O valor social cedente às mulheres é baseado em graciosidade física e comportamental, segundo Tiburi “A aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento” (TIBURI, p. 28). Portanto as

³ Segundo o artigo *O machismo também mora nos detalhes* de Maíra Liguori no blog feminista Think Olga, é apontado como *'mansplaining'* “quando um homem dedica seu tempo para explicar algo óbvio a você, como se não fosse capaz de compreender, afinal você é uma mulher.”, a autora ainda explica que “O termo é uma junção de man (homem) e explaining (explicar). É quando um homem dedica seu tempo para explicar a uma mulher como o mundo é redondo, o céu é azul, e $2+2=4$. E fala didaticamente como se ela não fosse capaz de compreender, afinal é mulher” (s/p). No Brasil, a expressão foi livremente traduzida para *'homexplicando'*.

duas coisas se completam, por assim dizer, e a autodegradação feminina por meio do humor, apenas faz reforçar o que é socialmente compreendido como padrão de beleza, reafirmando assim o que, teoricamente, falta à mulher. A autodepreciação se torna um tipo de obrigação no humor feminino se a performer deste humor quer que seu trabalho atinja maior quantidade de público, dado que o corpo da mulher, sendo ela ‘bonita’ ou ‘feia’, é um corpo vigiado, pois

Tudo, na gênese do habitus feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto a objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros (BOURDIEU, 2018, p. 92)

Bourdieu ressalta que mulheres são socialmente orientadas a agradar e satisfazer o outro como numa troca de favores totalmente injusta e injustificável. *Se é bonita, tem que ser assim, se é feia, tem que ser assado.* Quando, pelo nosso bem-estar, nos perguntarão o que queremos ser, fazer, crer? Quando vão começar a estimular nossas meninas a se amarem e a buscarem estar no lugar e do jeito que quiserem estar? São questões que contém resposta negativa até então, visto que é espantoso o medo mútuo que se tem da mulher ser dona de si.

A forma com que as pessoas se relacionam com mulheres que se impõem e se colocam no lugar de pessoa que precisa ser ouvida é diferente da forma que tratam a ‘mulher tradicional’, pois uma mulher que carrega um discurso, mostra força, mesmo que seja com senso de humor, essa mulher causa medo, o medo que o homem tem de ser exposto, de não ser o dono da retórica – já faz com que esses homens entrem em modo de defesa e nem sequer achem válidas qualquer tipo de relações interpessoais ou afetivas⁴, quem dirá espaço no mercado de trabalho. Por estes e alguns outros motivos é que as mulheres estão sujeitas em todos os ambientes, dentro e fora do lar, a duas posições: permanecerem submissas ou serem revolucionárias. É importante que os oprimidos exijam respeito de quem os está ferindo, para

⁴ Não colocando apenas com um sentido de relacionamento conjugal (namoro, casamento), mas também em relações envolvendo amizade, família, trabalho.

tanto é necessário que continuemos reivindicando o próprio respeito a nossos lugares (indo na contramão do patriarcado), lugares que não querem deixar que ocupemos.

Uma mulher fazendo humor tende a ter que provar que pode estar ali, muitas vezes tendo que se despir de qualquer feminilidade até então estabelecida por ela ou pelo sistema em si, já um homem fazendo humor se encontra em um lugar que já o espera, ou seja, ali nada atenta contra a sua masculinidade.

3. “NOSSA, ELA É MUITO DOIDA!”

Por que existe a visão de que a mulher que é engraçada é ‘doida’? Primeiramente, ser doida envolve toda a nossa expressão corporal, facial, vocal, qualquer tipo de coisa que a sociedade considere fora do padrão comportamental feminino. Ser ‘menos feminina’, portanto, faz com que essa mulher seja logo sinalizada como ‘doida’, fazendo assim com que esta perca sua já pequena credibilidade. A descredibilização da fala do oprimido é uma forma de violência simbólica que Bourdieu já entende como um jeito velado de impedir que o poder do discurso alcance quem não tem voz e tende a continuar calado (2018). Negar a posse da palavra para alguém que é considerado um ser desestabilizado socialmente ocorre há séculos, desde que a institucionalização do patriarcado se instaurou. Como afirma Foucault:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (2011, p.10).

Então compreendo que ligar a fala da mulher à loucura anula: fatos que ela possa afirmar, denúncias que ela possa fazer, críticas que ela venha a expor, questionamentos que ela possa ter, ou seja, retira qualquer importância ou relevância que a mulher em questão tenha e que sua fala pudesse evidenciar.

Vê-se homens considerados engraçados, cômicos, até mesmo humoristas em grandes cargos (uso como exemplo o humorista Tiririca, eleito em São Paulo o quarto deputado federal mais votado em 2014), enquanto a mínima comicidade em uma mulher já a categoriza como um ser menos responsável, não confiável para assumir responsabilidades. É utilizado o termo ‘doida’, sendo essa uma falha psiquiátrica, doença, para ter aval para não levar a pessoa em questão a sério. Se essa mulher é assim caracterizada, até seu

principal capital social⁵ (beleza física) é desvalidado, porque ela passa a não ter um valor crucial para o patriarcado, o recato. O recato se encontra aqui vinculado a comportamentos relacionados a ter os chamados 'modos' (etiqueta) ou não ter. Uma mulher devidamente recatada possui estes modos enquanto aquela que não segue passivamente esse padrão comportamental limitador, não é sã. A própria espontaneidade e o riso/risada/gargalhada, parecem não ser coisas femininas. Parte importante da desconstrução disso é entender que o pensamento "mulher fazer tal coisa é feio" já está tão incutido culturalmente em nossas cabeças que nós mesmas nos censuramos de fazer coisas biologicamente naturais do ser humano – sendo esse um fator que nos faz mal fisicamente também – nos transformando na figura frágil e delicada em que já somos encaixadas. Em outras épocas, as mulheres 'não-sãs' (que apontavam algum erro percebido, que queriam ser vistas como um ser humano), eram todas as que destoavam de alguma forma, as que queriam pensar e/ou se posicionar de uma maneira diferente da normativa de seu tempo. A diferença para os dias de hoje é apenas que alguns dos padrões sociais já foram ultrapassados, quebrados ou mudados e velados para facilitar a aceitação mútua. Atualmente, portanto, pode não parecer razoável para muitas pessoas que uma mulher vá para fogueira se for chamada de doida – ou de 'bruxa' como outrora. Mas a credibilidade para com ela certamente já decaiu consideravelmente e alguns ainda negarão a essa mulher um espaço que já é limitado e que foi conquistado depois de muito tempo de luta por direitos.

Existem expressões atuais que definem bem o que é a mulher na nossa sociedade, uma delas é a famosa 'mulher para casar', geralmente vinculada às mulheres que são ditas 'prendadas', que fazem bem os trabalhos domésticos, que cozinham bem, não gostam de sair para festas e baladas, não bebem ou bebem pouco bebidas alcoólicas, não usam roupas curtas e assim por diante. O humor quando mesclado ao fato de 'chamar atenção' torna a mulher

⁵ O capital social é um conceito de Pierre Bourdieu, que o define como "o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis" (BOURDIEU, 1998 b, p. 67).

'independente demais'. Essa mulher, não sendo levada a sério o bastante para ser a 'mulher pra casar', é identificada mais comumente como uma 'mulher para pegar' (apenas um passatempo, simplesmente desejada sexualmente, um objeto ou carne que não serve como esposa, mãe). Ser 'independente demais' afasta a mulher do estereótipo da mulher respeitável, aquela que a sociedade reconhece como potencial parceira para um relacionamento tradicional, como potencial mãe. Ou seja, a mulher que é engraçada e chama atenção, não é vista como confiável para se ter este tipo de relacionamento. Não que seja essencial para todas as mulheres terem este tipo de relacionamento, entretanto todas as mulheres merecem ser respeitadas, independente da criticidade e comicidade que venham a ter, é injusto ter que abdicar de seus ideais e personalidade para se encaixar num molde social que a faça ser tolerada numa relação afetiva ou mesmo pela sociedade. É por isso que, para Márcia Tiburi, "talvez não seja um exagero dizer que só as mulheres solteiras e que vivem sós são emancipadas" (2018, p. 64).

O controle social que parte da falta de comunicação por meio da rotulação de pessoas, creditando a elas qualquer doença mental, faz com que tudo que a pessoa disser seja invalidado, não comprometendo assim o sistema patriarcal. Uma mulher ser chamada de 'doida' é algo que se vê comumente e isso acontece na intenção de interditar um discurso potencialmente perigoso.

Identifico esta como uma situação correlata a de pessoas negras que, quando querem se fazer ouvidas ou acusam alguma forma de opressão ou racismo, são taxadas como 'barraqueiras'. Ambos os grupos são parte das minorias políticas e, reivindicando algo, vão contra o que a sociedade quer que façam, como diz Emicida em sua música *Mandume*⁶ (2015) sempre revelando e criticando em formato poético o crime bárbaro do silenciamento violento referente à história do povo negro no Brasil:

*Eles querem que alguém
Que vem de onde nós vem
Seja mais humilde, baixe a cabeça,
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda*

⁶ Mandume ya Ndemufayo foi o último dos reis Kuanyama ou Kwanhama, nascido no ano de 1884 e morto em 6 de Fevereiro de 1917.

As reivindicações feitas pela classe oprimida na ideia de libertação e igualdade, como manifestações e outros atos políticos, não são vistas com bons olhos pela maioria dos beneficiados pelo patriarcado. Marcia Tiburi explana a quem esse sistema pertence e favorece, dizendo que

Na ordem do discurso patriarcal, o “homem branco” é uma figura e uma lógica ao mesmo tempo. Está autorizado a falar sobre todos os assuntos, a fazer o que bem entender, muitas vezes até a perversão, a produzir e reproduzir uma visão de mundo que o favorece (2018, p. 58).

Portanto é o ‘homem branco’ quem pode falar, quem possui o poder do discurso e “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2011, p. 37). As minorias políticas, como se pode imaginar, não são consideradas aptas para possuir e disseminar seu discurso, independentemente de a pessoa em questão possuir argumentos e capacidade de expressá-los. Se reivindicam seu direito, é a mulher ‘doida’, o negro ‘agressivo’, o que faz com que a mulher negra reivindicando seus direitos (i.e. *feminista*), esteja destinada à mais baixa categoria social existente nesse sistema. Não é à toa que em meio a um humor como o brasileiro, recheado de estereótipos misóginos e racistas, temos a figura da ‘nega maluca’.

Toda essa rotulação se apresenta de forma dicotômica, maniqueísta, entre bom e ruim, esquerda e direita, homem e mulher, preto e branco, bonito e feio, feminina e doida. A dicotomia nessa relação se forma basicamente na intenção de desmerecer quem não se enquadra nos critérios propiciados pelo patriarcado.

Acredito que só sendo ‘doidas’ e atentando contra o perfil tradicional da mulher, é que temos condições de alcançar sucesso na luta por podermos ser quem quisermos ser. Se isso só é possível por meio do escracho, do uso de palavras de baixo calão, da deformação do corpo e rosto, ou seja, da quebra desse paradigma social que é a feminilidade, façamos isso então. Mulheres comediantes/humoristas não conseguem se encaixar nos requisitos de ‘bela-

recatada-do-lar' anteriormente citados, pois só por se pôr fora de casa como um ser que precisa ser ouvido, já se quebra um dos quesitos. Fazer 'caretas' ou se expressar corporalmente fora de um contexto cotidiano quebra outro. Se fazer piadas 'não é coisa de mulher direita', deixem-nos ser inadequadas então. Que nos chamem de doidas então.

4. “IH, AGORA É UMA MULHER”

Faço-me o principal objeto de estudo deste trabalho conscientemente, pois entendo a necessidade que há de mulheres encontrarem um ponto de identificação ligado às áreas as quais elas se sentem menos capazes de atuar por conta da estrutura dominante. Acredito que esse posicionamento seja necessário, pois para que contem a própria história

as mulheres precisam falar de si mesmas em todas as esferas – na arte, no conhecimento, na religião, por exemplo. Assim é que o feminismo pode restituir a cada uma seu lugar legítimo de fala. Por isso é que todas as feministas de um modo ou de outro, quando escrevem, falam de si mesmas (TIBURI, 2018, p. 94).

A expressão que nomeia este capítulo foi escolhida por manifestar a espécie de choque que uma mulher causa ao afrontar o silenciamento que nos é imposto e que, por mais que sigamos na tentativa de fixar nossa presença, ainda não nos é concedido o crédito devido.

O estranhamento causado pela simples presença feminina em alguns espaços se dá por conta de, na maioria das vezes, ela não ter sido devidamente convidada a se fazer presente, ou seja, o fato de mulheres terem a ‘audácia’ de se colocar publicamente a discursar causa desconforto, então só o fato de ser uma mulher em frente a uma plateia (como no caso de mulheres no *stand up*) já se torna motivo de menosprezar os conteúdos que serão apresentados. Partindo dessa premissa, numa apresentação de *stand up* é normal que o público não receba o texto de uma mulher da mesma maneira de outro indivíduo do gênero masculino (cis, hétero e branco, principalmente), então a corrida para provarmos que também merecemos atenção do público e os risos, começa com uma diferença de quilômetros de nós para eles. É como se houvesse uma desconfiança de largada acerca da capacidade da mulher de ser engraçada. O ser que a ordem dominante dá aval a possuir o discurso é o ‘homem branco’, não tendo este qualquer problema com a validação de sua fala, e para que o sistema siga nos moldes atuais é que se nega a voz a quem

não se enquadra nesses pré-requisitos. Portanto a posse do discurso está sempre sendo disputada e, por conta do poder que o permeia, deveras desejada, uma vez que

o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa em nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2011, p. 10)

sendo então uma violência marcante e, por vezes, irremediável impedir que o discurso exista para alguém ou para uma classe de pessoas. Assim se criam os silenciamentos aterradores instaurados historicamente e reforçados visivelmente, tentando impedir a comunicação entre as minorias políticas e dentro delas, como forma de segregar e obstruir a identificação entre os mesmos. Como aponta Rebecca Solnit:

O silêncio foi a condição histórica das mulheres, às quais, salvo raras exceções, negava-se instrução e papéis na vida pública – cargos como juízas, preladadas e praticamente qualquer outro com o uso da palavra. As mulheres foram silenciadas nas casas de Deus (2017a, p 37).

Entendo a última frase relacionada a religião um tanto quanto simbólica, pois algumas religiosidades quando pensadas historicamente e de forma racional, estiveram entre os pilares mais fortes na construção, propagação e fixação do sistema patriarcal - por mais que se baseie em preceitos de amor, paz e comunhão, o que vejo contudo é a instauração hipócrita de uma verdade inadequada para grande maioria dos seres e que se apropria de todos os lugares possíveis para que seja impossível ou muito improvável a desconstrução dos pensamentos dicotômicos e limitadores que nos permeiam.

A falta de lugares nos quais as mulheres tenham o direito ao discurso é que faz com que algumas pessoas tenham a ideia de que não deveríamos estar ali, devemos criar espaços dentro destes espaços para nós e para poder dar aval a outros silenciados, já visto que “A luta de libertação consiste, em parte, em criar as condições para que os silenciados falem e sejam ouvidos” (SOLNIT, 2017a, p. 32), o que, de longe, é algo complicado quando não temos

nenhuma ajuda dos que se fazem superiores. O impedimento ao discurso que sempre permeou as minorias políticas de forma hostil e agressiva, fez com que não nos ouvíssemos mais, as mulheres que ainda contam suas próprias histórias são as que alavancaram um movimento que rejeita a impossibilidade de ter uma história, fortalecendo assim algo que o sistema dominante desaprova, Solnit explana pensamentos acerca disso dizendo que

A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra as nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e participar, de interpretar e narrar (2017a, p. 30).

Estar com a palavra caracteriza ter certa riqueza ou poder por assim dizer, sendo estes culturalmente legados majoritariamente aos homens. Presenciamos algumas poucas mulheres falando e sendo ouvidas, visto que “Se o direito de falar, de ter credibilidade, de ser ouvido é uma espécie de riqueza, essa riqueza agora vem sendo redistribuída” (SOLNIT, 2017a, p. 34). Ainda assim, acredito que se trate de uma forma velada de continuarem nos podendo, pois mesmo estas mulheres que vemos em cargos altos são sequencialmente descredibilizadas.

Um exemplo atual e bruto de que mulheres sempre vão ser subjugadas por erros ou falas que, vindas de homens, seriam naturais ou até cômicas (num sentido não tão agressivo quanto quando voltado a uma mulher), foi o golpe parlamentar que a ex-presidenta e economista Dilma Rousseff sofreu no ano de 2016. Ainda afastada, a presidenta deu uma entrevista à revista Time, na qual quando questionada se achava que o golpe teria sido sexista, responde que, na verdade, foi um golpe misógino:

O fato de uma mulher ter se tornado a primeira presidente da República dá origem a uma avaliação de mulheres que é muito comum, muito estereotipada. Por um lado, as mulheres são histéricas e, quando elas não são histéricas, são insensíveis, frias e sem coração. Eu fui pintada como uma pessoa fria, dura e insensível em um lado. E, por outro lado, fui pintada como uma pessoa histérica (O GLOBO, 2016).

Essas palavras me expressam uma dor inenarrável, a estereotipação radical a partir um sistema misógino foi capaz de enquadrar uma presidenta eleita que finalmente possuía o discurso em um cargo de grande visibilidade, em características especialmente rasas que são sempre destinadas à mesma classe de pessoas, mulheres. Uma mulher foi presidenta do nosso país, mas os nossos humoristas mais conhecidos fizeram questão de esquecer o que ela representava, afirmando que ela ser 'feia' ou ter qualquer problema relacionado a fala eram questões que a faziam ser uma presidenta menos confiável (como fica evidente em qualquer imitação humorística da ex-presidenta Dilma Rousseff). Então compreendo que embora tenhamos um espaço que outrora parecia inalcançável, a deslegitimação da nossa fala por meio de uma unificação do que é o ser feminino segue vigente e acompanha o patriarcado.

5. “AH, MAS ERA SÓ UMA PIADA”

Muito comumente se vê piadas que ofendem pessoas sendo disseminadas usando-se desta desculpa, mesmo que se saiba que o humor sempre vai ter uma vítima, seja em forma de autodegradação ou de depreciação alheia. No entanto, ainda que se trate de um tema polêmico podemos mudar os possíveis rumos da piada.

Solnit traz uma reflexão esclarecedora a partir da onda de piadas de estupro que vinham sendo extremamente recorrentes:

As piadas sobre estupro são engraçadas? A posição feminista, alguns anos atrás, parecia ser firmemente contrária, e então as coisas mudaram. Na verdade, a rápida evolução da piada sobre estupros nos últimos três anos é uma ressonância em pequena escala das enormes mudanças que têm ocorrido no debate público sobre a violência sexual, o gênero, o feminismo, as vozes que importam e quem vai contar a história. [...] As piadas sobre estupro não são engraçadas segundo o axioma de que elas se dão às custas da vítima (2017a, p. 126).

Portanto, entendo que não é apenas o tema e o curso que a piada toma que está em voga, mas também quem a está (re)produzindo. É relevantemente diferente apontar a vítima do estupro como alvo da piada e colocar o estuprador em questão como alvo, por exemplo. Tanto quanto é significativamente possível um homem que já possui *status* social ou financeiro falar sobre um estupro que ele mesmo cometeu e não acontecer absolutamente nada com ele, fora alguns processos (quando existem) que majoritariamente não acabam em nada. Trata-se de mais uma das decorrências da sociedade patriarcal em que vivemos, esse sistema que criou, disseminou e alimenta a chamada ‘cultura do estupro’ ou ‘cultura do assédio’, como classifica Tiburi:

O que podemos chamar de ‘cultura do assédio’, no trabalho ou nas ruas – ou na família, ambiente em que acontece a imensa maioria dos estupros e abusos sexuais –, relaciona-se à condição subalterna das mulheres que – por não poderem competir com os homens e

porque não são consideradas seres iguais em direitos – devem ouvir caladas à violências verbais e físicas (2018, p. 61 e 62).

Sabemos então para quem as piadas sobre estupro que culpabilizam as vítimas são engraçadas, para as mesmas pessoas que fomentam a desigualdade social e a repressão de homens para com mulheres, os mesmos que acham que a culpa é sempre da vítima, que rir de estereótipos já menosprezados é engraçado.

No texto *O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime* (2014), escrito pela pesquisadora da área de filosofia política e feminista Djamila Ribeiro para a revista online *Carta Capital*, a autora discorre sobre o ‘humor pelo humor’, sendo este o assunto que mais me aflige dentro do campo humorístico. O verdadeiro humor, para Djamila, e para mim, é o humor engajado, que não ataca o oprimido, mas sim o opressor.

O ‘humor pelo humor’ não é semelhante à ‘arte pela arte’ como é vista tradicionalmente. Uma pintura ou uma coreografia não necessariamente precisam ter uma vítima. O humor, por sua vez, sempre vai atingir alguém (ainda que seja a própria pessoa que está falando), e sendo assim, o humor que não tem uma preocupação social geralmente ataca pessoas que já são oprimidas e/ou vulneráveis. Tipo de humor muito comum hoje, percebo analisando o documentário *Riso dos Outros*, no qual existem pontos de vista divergentes em relação ao humor, mas é majoritário o pensamento de que “O ataque as minorias é uma regra do humor”, frase dita pelo cartunista André Dahmer. Podemos ver no mesmo documentário um trecho da fala do comediante Danilo Gentili em um stand up sobre carros: “Meu carro tá tão feio que se ele fosse um transformer seria a Preta Gil”, e em seguida comenta com o público que é um tipo de piada “bosta” e que não deveriam estar rindo disso (ironicamente). Portanto o que está em voga é a piada de riso fácil, utilizando de estereótipos já surrados (mulher, negra, gorda), mas que funcionam segundo o mesmo, pois tudo isso se forma ao redor do que eu chamo de ‘empatia de preconceitos’.

Segundo Djamila Ribeiro, o humor que se vê na grande mídia, com raras exceções,

é um humor rasteiro, legitimador de discursos e práticas opressoras e que tenta se esconder por trás do riso. Sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos serão reproduzidos. Não há nada de neutro, ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões (2014, s/p).

Para Djamila, esta ideia de que ‘é só humor’ serve como uma espécie de escudo para alguns humoristas, como se pudessem dizer qualquer coisa sem serem responsabilizados. Escondidos pelo escudo do ‘humor pelo humor’, tais humoristas costumam aceitar críticas às piadas que ofendem pessoas. Ela foca seu texto na questão racial, mas também é possível perceber no texto uma correlação com a questão de gênero.

Alguns humoristas, quando criticados, dizem estar sendo censurados. Há que se explicar para eles o que é censura. Primeiro, eles dizem e fazem coisas preconceituosas. Quem se sentiu ofendido, reclama. Onde está a censura nisso? Incomodam-se pelo fato de, cada vez mais, muitas pessoas denunciarem e gritarem ao ver suas identidades e subjetividades aviltadas; é como se dissessem “nem se pode mais ser racista, machista em paz” (*idem*).

Djamila, ainda no mesmo texto, cita Marcelo Marrom que, como homem negro, faz piadas que ridicularizam ele mesmo e outras pessoas negras. A autora critica os que dizem ter aval para seus preconceitos, enquadrando este humor dentro da caixa do ‘humor politicamente incorreto’. Visto isso, creio que a intenção seja fazer as críticas que necessitamos para a libertação das ditas minorias políticas - a comédia dá aval para críticas sociais, pois nasceu disso. Nos primórdios da comédia, os atores utilizavam dela como meio de crítica social e política pois era onde se encontravam as sátiras, fazendo uso de ironias e sarcasmos como uma forma democrática de expressar-se. Se utilizava do humor no teatro, desde seu surgimento (como teatro propriamente dito) na Grécia, para criticar todos os tipos de pessoas socialmente ascendidas – já que a comédia era vista como inferior com relação à tragédia – como reis, governantes, nobres, até mesmo deuses. Não vejo motivos, então, para o humor levar-nos, hoje, somente à inferiorização dos já inferiorizados, sendo que o surgimento da comédia se deu por pessoas e para pessoas

inferiorizadas, sendo categorizada também como uma forma de teatro inferior por este motivo.

6. CARTA PARA MULHERES ENGRAÇADAS

A minha relação com o humor nasce antes do meu envolvimento com o teatro em si, parte principalmente de interações sociais. No momento em que meu subconsciente pode perceber que um ser engraçado se destaca em meio a outras pessoas. Acho que sempre gostei dessa parte! O teatro, neste corpo cômico, atualiza maneiras de expressar esse humor. Nesse processo de descoberta, é evidente que tudo tende a parecer cômico, qualquer objeto, ser, pessoa que permeie os espaços juntamente, se tornam parte dessa comicidade, se torna o humor 'propício' àquele momento, daí se iniciam certas comichidades que partem de conceitos pré concebidos, reforçando estereótipos como forma de facilitar a materialização desse humor - chamado de riso fácil - e mesmo que isso se dê de forma inconsciente de início, tomar essa consciência é a difícil missão dos que não querem seguir cutucando as feridas alheias (por vezes já muito profundas).

Se você é engraçada, as pessoas ao seu redor provavelmente gostam da sua companhia (se isso não acontece, aconselho que mude suas companhias). Ser uma pessoa engraçada acarreta nisso, uma pena que ser especificamente *uma mulher* engraçada nos aflija em vários pontos de nossas vidas. Infelizmente, algumas das pessoas que gostam de você e sabem da sua capacidade de ser responsável e de fazer as coisas direito não vão te empregar ou te incumbir de algo importante. Na verdade muitos destes também negam sua credibilidade. Mesmo que usem argumentações com motivos aparentemente factíveis e tentem te fazer crer que eles não acham isso, que não é esse o caso, você continua sendo 'muito doida pra assumir responsabilidades'.

Algumas das pessoas com as quais eu quis me relacionar de alguma forma se afastaram quando entenderam que eu não ia mudar quem eu sou para satisfazer normativas de comportamento que são idealizados especificamente para inferiorizar mulheres. É ruim se sentir sozinha quando você não quer, é ruim ser deixada, não é nada fácil se culpar por não ser boa o bastante, mas nós conseguimos lidar! Não se pressione demais. Não se culpe

demais. Não precisamos fingir ser nada que não gostamos de ser. Deixe que te chamem de doida, não mude seus ideais e personalidade, essas coisas são mais importantes que qualquer caixa em que venham tentar te enquadrar. Ou se você estiver pensando 'ah, mas eu quero ser aceita em tal molde!', como o acadêmico, político ou o humorístico por exemplo, e sabe que tem competência para isso, faça por vontade própria, entre, prove pra quem duvidar, a questão é que você terá que provar muito mais do que o que seria necessário, contando que você já não é a figura tradicional feminina que esses lugares estão acostumados a incluir (excluindo). Portanto, não desconfie de si mesma.

A gente desacredita da nossa própria capacidade de tanto que as outras pessoas desacreditam. Isso fica evidente na medida em que precisamos provar para as pessoas que elas podem confiar em nós, mesmo que isso configure algo absurdo e que não sejamos obrigadas. É extremamente desagradável a forma como essa desconfiança se dá. Portanto aconselho-a a atestar sua capacidade aos desacreditados, porque é impossível se libertar de algo não estando presa a nada. Os espaços acadêmicos tendem a conservar estruturas hierárquicas e meritocráticas de relações desde seu surgimento até os dias atuais, o que tende a se reproduzir pelos próprios agentes deste campo. Foram conquistadas certas liberdades aqui e ali, e alguns cursos universitários são mais flexíveis que outros. A licenciatura abre os olhos de muitos na relação que se pode ter com as dificuldades e especificidades de cada aluna(o), mas isso acontece em muito menor quantidade do que deveria. Na universidade, todos querem ser pioneiros em algo, mas ninguém se importa se você não se encaixa nos moldes dela, ninguém vai tentar te ajudar (salvo raras exceções), não vão querer te dar uma voz que legitimaria seu ponto de vista, os homens principalmente.

Minha vida acadêmica talvez acabe aqui, porque me cansam os discursos da inclusão excludente que me permearam durante os 5 anos que permaneci neste meio. O incentivo sempre foi o fato de ser minha única chance, então se você está ocupando algum espaço no qual te descredibilizam, permaneça, não deixe que te impeçam de ser quem você é, e o mais importante, não deixe que te façam acreditar que você é realmente incapacitada de estar ali. Muitas vezes nem achamos um lugar ideal para expressar aquilo que precisamos, tudo parece distante demais e cheio de

barreiras, porque está. Eu desacreditei de mim. Eu pensei não ser capaz. Pensei não ser capaz de concretizar este trabalho por conta da magnitude que é colocada em torno de um *Trabalho de Conclusão de Curso*. Mas a concretude deste trabalho é uma prova feliz de que eu sou capaz, mesmo sendo 'doida', mesmo doente, mesmo não me encaixando nos moldes academicistas, eu consegui. Agora acredito que serei capaz de me formar em uma universidade federal, pois felizmente encontrei pessoas que realmente acreditaram em mim e que me fizeram acreditar também, e por mais que não pudessem me oferecer alguma oportunidade profissional ou status, confiaram na minha competência quando eu desconfiei - está aí a importância de termos pessoas que gostem de nós e nos façam bem a nossa volta, não tê-las é mais difícil e para mim (creio que) seria impossível. Será?

Mulheres engraçadas, principalmente as que já fazem humor, vamos nos unir pela nossa libertação, a de mulheres dentro da academia, a de todas as mulheres e pela emancipação de outras minorias políticas. Nos degradarmos como forma de reafirmação dos estereótipos já fica claro não ser o ideal, também não acho justo que sejamos parciais e não pensemos em outras classes que se sentem feridas com esse tipo de humor. Para tanto, coloco aqui uma sequência de desafios que nos fazem ter menos visibilidade na área humorística atual, mas que seria um ideal de comédia na minha visão, principalmente pelo fato de juntas termos mais chances de mudar (minimamente) este cenário.

O primeiro desafio é ser uma mulher que não vai falar mal de mulher, de si e/ou de outras, isso nos afeta mais do que imaginamos. Uma graça saudável com o próprio corpo, coisa que não nos machuque psicologicamente, são bem-vindas, desde que sejamos nós a fazê-las. Se fizerem, retruque, não se sinta diminuída, você pode surpreender muito mais. Se você for o alvo de um homem como piada, alavanca profissional, como potencial competidor, as possibilidades de você virar esse jogo são bem pequenas, então porque reforçar esse jogo reproduzindo em outras mulheres? Somos sempre induzidas a essa competitividade absurda entre nós mesmas, enquanto eles são levados a serem camaradas e se ajudarem. Fora toda a construção que os faz ter imensa aceitação na maioria de seus atos, sendo os atos bons extremamente

exaltados e os ruins deixados para trás com a desculpa de 'quem nunca errou?'. Estranho a sociedade não usar isso a nosso favor.

O segundo é não fazer piadas que ferem outras classes oprimidas. Você sabe que é mais favorecida em termos sociais que umas pessoas e menos que outras, se é assim, você sente o quão injustos são os ataques 'superiores', partindo disto, creio não ter necessidade de dizer que a injustiça também permeia suas ações para/com os que já sofrem outros paradigmas sociais que não os seus.

O terceiro, sendo este um ponto de possível contradição, é não se ridicularizar ou menosprezar, principalmente se você realmente se acha inferior por um aspecto ou outro. Tendemos a tocar nos pontos que mais nos doem para o humor ser orgânico, mas façamos isso se não estivermos em uma situação de falta de autoestima, senão não é necessário - o humor tem outras saídas e o seu humor não precisa depender disso se te faz mal. Temos potencial o bastante para fazer a diferença, como muitas humoristas e comediantes têm feito, e não podemos perder essa mudança de vista, pois se for para ser 'mais do mesmo', estaremos sendo como os reprodutores fiéis do patriarcado, porém sem o crédito que lhes é concedido. Paremos de nos machucar.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 6ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

_____. **O capital social** – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Impressões, 2012.

EMICIDA. **Mandume**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/emicida/mandume/>>. 2015. Acesso em: 16/11/2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

LIGUIRI, Maira. **O machismo também mora nos detalhes**. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>>. Acesso em: 04/11/2018.

LUPPI, Luciano. **Ator e a carteirinha de prostituta**. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/luciano-luppi-1.334309/ator-e-a-carteirinha-de-prostituta-1.369325>> Acesso em: 20/10/2018

VEJA. **Marcela Temer: Bela, recatada e do lar**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 12/09/2018.

BLOG MANDUME, O KWANHAMA. **O Rei Mandume**. Disponível em: <<https://mandumekwanhama.wordpress.com/historia-de-mandume-o-rei-dos-kwanhamas/>>. Acesso em: 24/11/2018.

O GLOBO. **Dilma diz que impeachment foi golpe parlamentar e um ato misógino**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-diz-que-impeachment-foi-golpe-parlamentar-um-ato-misogino-19812751>>. Acesso em: 11/09/2018.

RIBEIRO, Djamila. **O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/o-verdadeiro-humor-da-um-soco-no-figado-de-quem-oprime-7998.html>>. Acesso em: 04/11/2018.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. Tradução de Denise Bottman. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

_____. **Os homens explicam tudo para mim**. Tradução de Isa Mara Lando. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017b.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.